

Soja e o Cerrado: a jóia esquecida do Brasil

A demanda por soja e produtos derivados aumentou de forma acentuada nas últimas décadas. Em apenas 15 anos, a produção dobrou e a terra usada para o cultivo da soja no mundo já cobre uma área quase do tamanho do Egito.

O uso predominante da cultura é para a produção de farinha de soja, importante fonte de proteína para a ração animal, principalmente para aves, suínos e gado leiteiro. A expansão do plantio da soja tem sido amplamente determinada pelo aumento do consumo da carne, e também há um mercado expressivo para o óleo de soja utilizado em alimentos, biodiesel e outros produtos.

Cerca de dois terços da produção mundial de soja é exportada. E as importações são dominadas pela China e pela União Européia (de 37% e de 28% das importações globais de soja, respectivamente). Projeções das importações chinesas de soja apontam para um aumento de cerca de 50%, até 2020.

Embora os Estados Unidos sigam como maior exportador de soja e derivados, o crescimento da exportação, recente e projetado, se concentra na América do Sul, em particular no Brasil, Argentina, Paraguai e Bolívia. Mais de 70% das importações de soja do Reino Unido vêm diretamente da Argentina e do Brasil.

Apesar das significativas melhorias na produtividade, cada vez mais terras são plantadas com soja para atender à demanda crescente. Só no Brasil, essa área é quase do tamanho do Reino Unido.

As receitas de exportação geradas pela soja impõem um custo aos ecossistemas em que foi plantada. Por exemplo, a expansão da soja tem sido um fator importante na conversão do Cerrado brasileiro, um *hotspot* de biodiversidade maior que o México. Por volta da metade da cobertura vegetal original do Cerrado havia sido perdida até 2008, e o restante está desaparecendo em ritmo muito mais acelerado do que a Floresta Amazônica.

A perda acelerada de Cerrado é de interesse mundial pelos seguintes motivos:

As emissões de dióxido de carbono (CO₂) associadas à conversão do Cerrado, estimadas pelo governo brasileiro em mais da metade das emissões totais do Reino Unido em 2009, provavelmente já superaram as emissões do desmatamento da Amazônia;

A excepcional biodiversidade, por exemplo mais de 11 mil espécies de plantas, das quais quase metade não são encontradas em nenhum outro lugar do mundo, representa um recurso genético global insubstituível. Muitas espécies do Cerrado têm uma presença muito localizada e, portanto, apresentam alto risco de extinção; para reverter essa situação, uma área muito maior do que os atuais menos de 3% precisa ser efetivamente protegida;

O Cerrado é uma fonte vital de água doce para uma parte expressiva do Brasil e países vizinhos, e responde por mais de 70% da água de três grandes bacias hidrográficas, bem como de parte da Amazônica;

A vegetação, fauna e paisagens nativas do Cerrado são de grande importância cultural para uma vasta gama de comunidades indígenas e tradicionais, e oferecem valiosas oportunidades de turismo e recreação;

O Reino Unido é um consumidor importante da soja sul-americana, sobretudo na ração de aves, suínos e gado leiteiro. As importações para o Reino Unido demandam uma área quase do tamanho da região de Yorkshire (Inglaterra) para o plantio da soja no exterior, a fim de atender à demanda. Os produtores de alimentos, comerciantes e consumidores britânicos têm a oportunidade e responsabilidade de usar suas opções de compra e alimentação para ajudar a reduzir as pressões sobre ecossistemas como o Cerrado.

Por isso, foi proposta uma série de medidas e mudanças que podem ajudar a reduzir o atual impacto negativo da demanda britânica e europeia pela soja, como:

Aprimoramento das práticas de produção de soja por meio de certificação em regimes multilaterais confiáveis, como a Mesa Redonda de Soja Responsável (RTRS, na sigla em inglês), com o apoio do WWF;

Redução do consumo e desperdício de carne, conforme preconizado pelo WWF-Reino Unido. Desejável por uma série de fatores, inclusive saúde pública e a redução de emissões de gases de efeito de estufa, também diminuiria a demanda por fontes de proteínas importadas, tais como a soja na ração animal;

Uso de culturas cultivadas localmente como fontes alternativas de proteína na alimentação do gado. Culturas de leguminosas, por exemplo, poderiam substituir ao menos parte das proteínas atualmente proporcionadas pela soja, embora os desafios nutricionais persistam, principalmente para suínos e aves.

Mudança dos regulamentos que atualmente proíbem o uso de produtos residuais na alimentação do gado. Por exemplo, a União Europeia está examinando a proibição do uso de proteínas animais transformadas na ração de espécies onívoras (aves e suínos), introduzida após o surto de *EEB - Encefalopatia Espongiforme Bovina* no gado bovino devido a preocupações com a contaminação cruzada. A revogação dessa proibição traria de volta uma alternativa para as importações de soja, mas seria necessário superar problemas de aceitação pública, bem como o custo de assegurar que o gado herbívoro não seja alimentado com restos de animais e que nenhum animal se alimente dos restos de sua própria espécie;

Obtenção da soja de um leque mais amplo de países a fim de reduzir a pressão sobre os ecossistemas da América do Sul. Contudo, as opções de fontes alternativas são limitadas, de modo que seria necessário adotar sistemas como a rastreabilidade e a certificação para assegurar que o problema simplesmente não seja transferido para outras regiões.

Não há dúvida de que algumas ou todas essas medidas se revelarão sólidas, necessárias e viáveis, motivo pelo qual o WWF está explorando várias delas. Elas podem ajudar a reduzir a pressão para uma expansão ainda maior da soja na América do Sul, ao mesmo tempo em que proporcionariam outros benefícios ao sistema alimentar europeu. No entanto, isoladamente não produzirão uma mudança na escala e ritmo necessários para evitar a continuidade significativa da destruição dos ecossistemas da América do Sul.

Para o futuro próximo, o Reino Unido e a UE ainda precisarão importar soja. Assim, é indispensável mobilizar os consumidores e produtores de soja em ações práticas e pragmáticas para minimizar os impactos negativos de sua produção. Mesmo que fosse viável, a retirada completa dos compradores europeus do mercado de soja sul americano anularia sua capacidade de influenciar as práticas de produção para melhor, e aumentaria o domínio da China como o maior importador mundial de soja.

A RTRS oferece uma ferramenta para recompensar os produtores que respeitam as normas acordadas para melhorar as práticas ambientais e sociais. A aquisição da soja do Reino Unido de fontes certificadas pela RTRS, em conjunto com iniciativas semelhantes em outros países, representaria uma poderosa pressão de mercado no sentido de apoiar os esforços da América do Sul para proteger a biodiversidade e reduzir as emissões decorrentes da mudança do uso da terra. A certificação da RTRS está disponível para todos os tipos de soja, com o intuito de surtir efeito máximo. Entretanto, um módulo sem transgênicos também está previsto, e o padrão é compatível com todos os métodos de produção.

O WWF não propõe a RTRS como uma "panacéia" para os problemas atualmente associados à expansão da soja. Porém, se houver apoio vigoroso, continuamente melhorado e combinado com medidas como as descritas acima, pode ser um mecanismo eficaz para ajudar a atender as demandas atuais do mercado, preservando ecossistemas vitais para as gerações futuras.